

THUROW, Lester C. - O Futuro do Capitalismo - Como as forças econômicas de hoje moldam o mundo de amanhã. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

*Verlane Aragão Santos**

No mar secular da era moderna a nau capitalista, não sem freqüência, deparou-se com fortes tormentas. É no meio de uma dessas que se insere o livro do professor de economia e ex-diretor da Sloan School of Management, do MIT, Lester C. Thurow: *O Futuro do Capitalismo - Como as forças econômicas de hoje moldam o mundo de amanhã*, com tradução de Nivaldo Montingelli Jr. e prefácio de Raimar Richers.

Em 456 páginas distribuídas em quinze capítulos, o texto desenvolve sob uma glosa metafórica o que o autor considera as forças subjacentes (as placas tectônicas) às transformações que o mundo tem sofrido no limiar do próximo século. Transformações que, longe de significarem a possibilidade de uma derrocada total do capitalismo, traduzem-se na via para a renovação do sistema. O autor, mesmo à premência de um naufrágio, acredita, sob o que chamaríamos de uma "fé crítica", na sobrevivência da nau, mas não de todos os naufragos.

Sob a superfície econômica e política da terra, mapeada no capítulo segundo, as placas econômicas (tectônicas) são amalgamadas por um misto de tecnologia e ideologia. Neste sentido, mudanças no paradigma tecnológico pressupõem, necessariamente, transformações no conjunto de valores, que representem marcos comportamentais compatíveis com as reais condições prevaletentes na sociedade.

Da mesma forma que foi necessário, no início do capitalismo dos séculos XV-XVI, uma ruptura com os valores escolásticos, levada a cabo com os movimentos renascentista e iluminista, fazendo, por exemplo, que a usura de pecado fosse considerada uma paixão suscetível à natureza humana, hoje frente às transformações técnicas torna-se imprescindível a definição de um ideário que, superando a perspectiva consumista acentuada no comportamento padrão estimu-

(*) É mestranda em Ciências Sociais da UFS.

lado pelo sistema, dê um novo sentido para o individualismo maximizador dos agentes capitalistas. Deve-se alimentar opções de investimento voltadas para o longo prazo (com o estado assumindo os gastos em infra-estrutura, ensino e pesquisa), definindo o que o autor chama de uma *ideologia do construtor*.

O que surge de forma aparente na sociedade (formando assim sua superfície), é o crescente desfalecimento do modelo do "estado de bem-estar", que o capitalismo - sob os auspícios das políticas keynesianas - tinha conseguido manter desde o pós-guerra. São denotativos deste processo: o crescimento da desigualdade, a queda dos salários reais no sistema, mudanças organizacionais (*downsizing* corporativo), um proletariado privado de direitos, um novo marco de viabilidade para a economia familiar, um novo papel da classe média (pois os pobres definitivamente estão excluídos), a existência de sistemas sociais diferentes, o que aponta para saídas diferentes (casos como o dos Estados Unidos frente ao europeu ou ao japonês, tratados pontualmente no texto).

As placas tectônicas configuram-se em cinco processos concorrentes à mudança do espectro existencial do capitalismo em fins do milênio. A primeira placa diz respeito ao fim do comunismo, a desintegração do bloco soviético, apontando, segundo o autor, para uma conformação multipolar de forças no sistema (placa cinco). Aqui é importante fazer uma ressalva. À página 13, citando os "concorrentes" do capitalismo nos séculos XIX e XX, o economista americano trata indistintamente capitalismo, fascismo, socialismo e comunismo. Coisa recorrente em todo o livro, considera modos de produção como o capitalismo e o comunismo similares a formas de organização política como o fascismo que, antes, não significou um contraste ao capitalismo, mas sim uma forma antagônica interna ao sistema, contrariando o primado liberal burguês. No decorrer do livro não poucas vezes os termos socialismo e comunismo são usados em substituição, tachados ademais como superados. Não toma o devido cuidado em situar historicamente a experiência dita socialista do leste europeu.

Longe de representar a vitória contumaz do capitalismo, o fim do "comunismo"- mostra Thurow - pode significar a falta de uma mola propulsora para o sistema. Durante todo o século XX, a existência de um inimigo tão poderoso fez com que a economia capitalista fosse estimulada por dois fatores imprescindíveis: a necessidade de investimentos estratégicos em áreas militares e afins (como a ajuda econômica para os países do Terceiro Mundo - Ponto IV, e para a reconstrução da Europa no pós-guerra - Plano Marshall) que concorriam para estimular o crescimento do emprego e da renda, como também para a corrida nuclear, influenciando para a construção do

marco tecnológico ora em vigência; e uma razão ideológica de luta para a manutenção do sistema, na própria busca de sua hegemonia, a destruição do inimigo encarnado. Ademais, a queda das “fronteiras socialistas” incorreu na entrada de parcelas da população do mundo na economia de mercado, mostrando cruamente a realidade capitalista para pessoas já desoladas com a experiência vivida e esfrangalhada do leste.

A placa dois aponta para uma era de indústrias de poder cerebral feita pelo homem. Um tipo de indústria em que o fator de produção mais importante passa a ser o saber, o conhecimento, o fator humano. Neste sentido estaria em desaparecimento o primado clássico das vantagens comparativas. As mudanças tecnológicas, a maior mobilidade dos fatores produtivos, o advento de uma economia global (placa quatro), alinhados ao papel prioritário desempenhado pelas indústrias de poder cerebral, tornam os espaços econômicos no mundo soltos, no sentido de que agora não são mais vantagens de ordem natural que definem as regiões mais privilegiadas pelo investimento capitalista. Muito menos a existência de mão-de-obra barata, já que o que importa é uma mão-de-obra qualificada para as exigências dos novos processos produtivos. A região do Vale do Silício, na Califórnia, é exemplo bastante ilustrativo, representando nichos de riqueza, onde as taxas de retorno são substanciais, bastante distantes das auferidas em média no sistema.

A mudança demográfica no mundo apresenta-se como a terceira placa. O envelhecimento da população mundial, fenômeno que se torna a cada dia comum a todas as sociedades, cria problemas que explodirão no futuro próximo. A base de tributação para garantir as pensões dos que hoje trabalham torna-se á diminuta. Ademais, os velhos que agora estão aposentados não têm naturalmente propensão a poupar, contribuindo para a manutenção do comportamento consumista. Em países como os EUA, esta faixa da população, com crescente poder eleitoral, torna-se uma força de pressão ingovernável sobre os cofres públicos. As mudanças salariais dentro de segmentos de mesma renda de trabalhadores são um outro traço. Qualificações similares passam a perceber remunerações distintas em pontos diferentes do sistema.

A placa quatro é representada pela conformação de uma economia global. Isto pressupõe a queda das fronteiras à produção, determinando uma mobilidade extrema dos fatores produtivos. Ao mesmo tempo em que as fronteiras são abertas - e a queda do Muro de Berlim estabelece a ampliação deste quadro -, blocos econômicos são constituídos, sob a égide das economias líderes: a Alemanha, na

Europa, os EUA com o NAFTA; além das possibilidades dos blocos asiático e da América do Sul.

O quadro é completado pela destituição de uma única nação como pólo hegemônico no sistema (placa cinco). Mesmo mantendo-se como a grande economia no planeta, os EUA deverão enfrentar, como já enfrentam, não só a concorrência de outras economias (como a alemã e a japonesa), mas principalmente seus próprios problemas internos. O déficit comercial, as repercussões econômicas, as crescentes desigualdades e a queda dos níveis de vida tornam o país fragilizado, tendendo a uma postura "isolacionista", segundo o autor.

"A estagnação, não o colapso, é o perigo" (p. 412). Esta assertiva condensa as preocupações de Lester Thurow, pois aponta para o reconhecimento da crise do capitalismo, que se estende há três décadas, destoando com o discurso do *establishment*, do qual é membro. A crise se constitui em um período de equilíbrio interrompido no sistema, em que os valores tendem cada vez mais para o individualismo e, sob outros matizes, descambando nos fundamentalismos. Tornam-se imprescindíveis, então, mudanças comportamentais que estejam em consonância com as transformações acima destacadas. Contudo, Thurow pontua esta sua obra com laivos de otimismo e idealismo, no sentido em que parece acreditar que essas mudanças de valores surgem sob as mãos do famoso Barão de Münchhausen, que retirou a si e a seu cavalo de um pantanal, puxando os próprios cabelos.

Importa destacar que o livro ancora-se sobre uma gama substancial de dados, informações acompanhadas por suas respectivas fontes. Ressente-se, contudo, pela ausência da bibliografia sistematizando o número significativo das fontes destacado nas notas. O texto, entretanto, caracteriza-se por uma *relativa despreocupação* acadêmica, o que o torna por isto mesmo uma leitura de fácil fruição.